

À morte peço a paz farto de tudo,  
de ver talento a mendigar o pão,  
e o oco abonitado e farfalhado,  
e a pura fé rasgada na traição,  
e galas de ouro em despejados bustos,  
e a virgindade à bruta rebentada,  
e em justa perfeição tratos injustos,  
e o valor da inépcia valer nada,  
e autoridade na arte pôr mordada,  
e pedantes a engenho dando lei,  
e a verdade por lórpa como passa,  
e no cativo bem o mal ser rei.

Farto disto, não deixo o meu caminho,  
pois se eu morrer, é o meu amor sozinho.

À morte peço a paz farto de tudo, Sonetos 66

Comparar-te a um dia de verão?  
Há mais ternura em ti, ainda assim:  
um maio em flor às mãos do furacão,  
o foral do verão que chega ao fim.

Por vezes brilha ardendo o olhar do céu;  
outras, desfaz-se a compleição dourada,  
perde beleza a beleza, e o que perdeu  
vai no acaso, na natureza, em nada.

Mas juro-te que o teu humano verão  
será eterno, sempre crescerás  
indiferente ao tempo na canção;  
e, na canção sem morte, viverás:

Porque o mundo, que vê e que respira,  
te verá respirar na minha lira.

Comparar-te a um dia de verão? Trad. Carlos de Oliveira

William Shakespeare, in Sonetos 22 e 66, tradutor(es) não citado(s).  
www.citador.pt/poemas

Contador e cantador,  
num só tempo eu conto e canto:  
conto as rendas do labor;  
de outras rendas canto o encanto.  
A. A. de Assis, 1207, Lit.&Arte  
R. Aurora A. Ferreira 171, Ap 702  
29090-310 – Vitória, ES

Passas tão bela que a lua,  
louvando teu desfilar,  
estende por toda rua  
um tapete de luar!  
Almerinda F. Liporage (Tita)

Todos nós aqui sabemos  
de sua eterna lembrança  
por isso não lhe daremos  
nem a menor confiança.  
Chico Luís, Binóculo 1206  
ivonildodias@secrel.com.br  
jbatista@unifor.br

Luz cheia, céu em festa  
é um momento inspirador,  
nós na rede, uma seresta,  
embalando o nosso amor.  
Eliana Ruiz Jimenez

Na distância, ao teu aceno,  
quanta tristeza me invade...  
O trem, fica pequeno  
e, em mim, crescendo a saudade!  
Hermoclydes Siqueira Franco † 08.08.12  
Rio de Janeiro Trovadoresco 1  
voodagralhaazul@gmail.com

Maroquinha, o teu gingado  
está dando o que falar!  
Talvez não seja pecado,  
mas faz a gente pecar!  
José Lucas de Barros

Não diga o meu espelho que envelheço,  
se a juventude e tu têm igual data,  
mas se os sulcos do tempo em ti conheço  
então devo expiar no que me mata.

Tanta beleza te recobre e deu  
tais galas a vestir a meu coração,  
que vive no teu peito e o teu no meu.  
Mais velho do que tu serei então?

Portanto, meu amor, cuida de ti  
como eu, não por mim, por ti somente  
te cuida o coração, que guardo aqui  
como à criança a ama diligente.

Não contes com o teu se o meu morrer.  
Deste-me o teu e o não vou devolver.

Não diga o meu espelho que envelheço, Sonetos 22

Imperfeito, eu rogo, aflito,  
por nosso amor, que é perfeito:  
– Não faças de mim um mito...  
que mitos não têm defeito!  
João Freire Filho † 06.08.12  
Rio de Janeiro Trovadoresco 1  
voodagralhaazul@gmail.com

Foi graças a seu gingado,  
que a garota, um avião,  
ganhou do seu deputado,  
baita cargo em comissão.  
Lisete Johnson

O que é a Natureza  
senão o seio que acolhe?  
É um baú de riqueza  
onde o que se planta, colhe.  
Jussara C. Godinho, 13º Concurso  
Prefeitura de Caxias – Semma,  
Secret. Mpal. do Meio Ambiente

O rancho se faz gigante,  
pois quando o amor incendeia,  
o nosso quarto, minguante,  
tem clarão de lua cheia!  
Neide Rocha Portugal

Já dez lustros se passaram...  
Vivendo um céu, ao teu lado...  
Tantos anos! me deixaram...  
por ti, mais apaixonado...  
Pedro Grillo, 1208 Trinos  
do Pitiguari: R. Guanabara 542  
59014-180 – Natal/RN

Chega a cantora, que é mestra  
no gingado da cintura  
e os integrantes da orquestra  
nem olham... pra partitura!  
Therezinha Dieguez Brisolla

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas. Amor Épico  
Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

## SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.09.12, enviar até 3 haicus de quigos: Jasmim, *Rêveillon*, Trovoadá.

Até o dia 30.10.12, enviar até 3 haicus de quigos: Dália, Pirlampo, Ressaca (GEO)

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Rua Des. do Vale 914, Ap 82  
05010-040 - São Paulo, SP  
ou mfmenez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

## QUIDAIIS DE PRIMAVERA – TEMAS DE PRIMAVERA

Chega a primavera  
e o frescor das folhas novas  
enfeita o jardim.  
Alba Christina

Azul, branca, rósea.  
Jacintos em profusão.  
Perfumadas flores.  
Analice Feitoza de Lima

Em grande algazarra  
cortam o ar com suas asas.  
Bando de andorinhas.  
Cecy Tupinambá Ulhôa

Com mãos pequeninas  
o futuro planta a vida  
no Dia da Árvore.  
Darly O. Barros

Pleno ar, mar e terra  
vibrante festa... Semana  
da Pátria se encerra.  
Fernando Soares

Bolha de sabão,  
garotinho esquece tudo  
com a brincadeira.  
João Batista Serra

Flores sobre a mesa.  
Homenagem à secretária;  
amigos se abraçam.  
Olga dos Santos Bussade

## HAICUS BRASILEIROS EM FOLHA

Chorão do encanto,  
casais em promessas e ais,  
abriga em seu manto. T  
Alberto Siuffi

Semana da Pátria.  
Batalhões engalanados;  
desfilam as tropas. T  
Angela Guerra

Apesar de esperto,  
tico-tico descuidado,  
caiu na armadilha. T  
Argemira F. Marcondes

Crianças brincando.  
Bicando aqui e ali,  
um tico-tico. H  
Djalda Winter Santos

A caminho do chão  
vai-se estendendo  
o chorão. T  
Manoel F. Menendez

Águas do lago  
refletindo galhos  
de um chorão. B  
Neuza Pommer

Moinho de milho.  
Tico-tico no farelo  
ao lado de um sacco. B  
Roberto Resende Vilela

O vento entrelaça  
os galhos longos, vergados,  
do chorão sem folhas... F  
Amália Marie Gerda

Um dia chuvoso.  
Dos cabelos do chorão  
caem grossos pingos. D  
Angélica Villela Santos

Saltita alegre  
tico-tico no jardim.  
O cão vigia. H  
Denise Cataldi

Desfile da tropa  
atrai a atenção de todos.  
Semana da Pátria. T  
Djalda Winter Santos

Pátio da escola,  
os hinos são entoados.  
Semana da Pátria. M  
Marilena Budel

À beira do lago  
brisa agita  
ramos do chorão. H  
Neuza Pommer

Música romântica.  
Casalzinho namorando  
ao pé do chorão. D  
Roberto Resende Vilela

Rufar de tambores,  
garbo, simetria e arte...  
Semana da Pátria! T  
Amália Marie Gerda

No pátio da escola,  
alunos treinam marchar.  
Semana da Pátria. M  
Angélica Villela Santos

Chorão solitário  
na porteira da casa.  
Sombra fresca. H  
Denise Cataldi

Clarins e tambores  
ao longe, começa a marcha.  
Semana da Pátria. A  
Manoel F. Menendez

No gramado,  
a vasilha de fubá.  
Bica o tico-tico. M  
Marilena Budel

Semana da Pátria –  
família emenda feriado  
na casa de praia. M  
Renata Paccola

Tropa perfilada  
ouve o Hino Nacional.  
Semana da Pátria. F  
Roberto Resende Vilela

Cascata verde.  
Chorão sobre a varanda  
faz sombra num canto. M  
Angela Guerra

Da prisão da gaiola,  
sai voando o tico-tico.  
Menino feliz. T  
Angélica Villela Santos

Festa na escola.  
Alunos representando  
a Semana da Pátria. AB  
Denise Cataldi

Chupim piando.  
Tico-tico  
próximo. M  
Manoel F. Menendez

No banco da praça  
os avós jogam palitos.  
Chorão caído. T  
Marilena Budel

Tico-tico macho  
carrega alimento à fêmea  
que choca no ninho. M  
Renata Paccola

Dia da Pátria.  
O gordinho assopra  
o seu baixo-tuba. H  
Sérgio Baldan

O S E R M Ã O D O D I A B O  
Machado de Assis, 40 Contos escolhidos, Seleção de Mário Feijó, 2011: www.edicoesbestbolso.com.br, pág. 16 (última) – Gentileza de Látia Lacerda Menendez

Nem sempre respondo por papéis velhos; mas aqui está um que parece autêntico; e, se o não é, vale pelo texto, que é substancial. É um pedaço do evangelho do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de S. Mateus. Não se apavorem as almas católicas. Já Santo Agostinho dizia que “a igreja do Diabo imita a igreja de Deus”. Daí a semelhança entre os dois evangelhos. Lá vai o do Diabo:

01. E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus

discípulos.  
02. E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes.  
03. “Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados.  
04. “Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra.  
05. “Bem-aventurados os limpos das algibeiras, porque eles andarão mais leves.  
06. “Bem-aventurados os que nascem finos,

porque eles morrerão grossos.  
07. “Bem-aventurados sois, quando vos injuriam e disserem todo o mal, por meu respeito.  
08. “Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra.  
09. “Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força, com que outra se há de salgar?  
10. “Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois as-

sim se perdem o chapéu e a vela.  
11. “Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas fazer as desfeitas.  
12. “Não acrediteis em sociedades arrebentadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor.  
13. “Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutri-

tivo que o próprio.

14. "Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar o vosso irmão para ganhades o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa.
15. "Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo.
16. "Igualmente ouvistes que foi dito aos homens: Não jureis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos.
17. "Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram

feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas.

18. "Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-las à polícia.
19. "Quando, pois, quiserdes tapar um buraco, entendei-vos com algum sujeito hábil, que faça treze de cinco e cinco.
20. "Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e levam.
21. "Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.
22. "Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio.

23. "Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despove das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos.
24. "Não queirais julgar para que não sejais julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dois para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum.
25. "Não tenhais medo às assembleias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vanglória e as assembleias as más palavras.
26. "As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas.
27. "Não deis contas das contas passadas, porque passadas são as contas contadas, e perpétuas as contas que se não contam.

28. "Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.
29. "Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjar um bom negócio; mão não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão se jogardes juntos.
30. "Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios...

Aqui acaba o manuscrito que me foi traduzido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio. Alto, magro, barbúcula ao queixo, ar de Mefistófeles. Fiz-lhe uma cruz com os dedos e ele sumiu-se. Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia.

L O U C O S P O R C O P A C A N A  
Miriam Halfim, Contos do Rio, 1ª Edição, Bom Texto 2005, www.bomtextoeditora.com.br

Meninos de rua não têm nome. No máximo, um apelido os identifica. Cegueta, eis como era conhecido o moleque vadio. Menino sem dono, por surras e maus-tratos afugentado da casa que um dia o gerou. Tantas foram as marcas deixadas em seu corpo e em sua alma que lhe esgotaram a infância.

Tornou-se o dono certo das ruas mais tortas da cidade, resumiu-se a pivete. Aos onze anos, totalmente instruído em malandragem, um olho vazado mostrava que já fora, na escola da vida, trapaceado.

Até que achou o seu lugar em Copacabana. Tornou-se figurinha fácil nas manhãs ensolaradas do bairro. Louco pela praia, adorava o calçado, a areia, as figuras que via passar. Às vezes, dormia encolhido nos ásperos bancos da avenida Atlântica, mas jurava que sonhava macio, esquecido da miséria de sua história.

Nas tardes ensolaradas, misturado à multidão que circulava, esgueirava-se entre crianças, jovens, mulheres de todos os tipos e simpáticos idosos aposentados. Sem contar os malandros e os figurões.

Vivia sempre alerta, que a qualquer momentos precisaria atuar, ainda que mera figuração. Surrupiar uma carteira ou qualquer coisa de valor era adrenalina pura, não dava para dispensar. Tudo de leve, que se pintasse grito e correria, o banzé atrairia os casseteres dos gonilas. Af, estava ferrado, apanharia à vera. Como já acontecera outras vezes. Depois fugiria, como das outras vezes. Mas o que não podia era facilitar. Olho, por exemplo, só lhe restava um. Por isso, andava compenetrado mas sempre pronto para faturar algum.

Cegueta, como as árvores frondosas e o chão ondulado, fazia parte da paisagem à beira-mar. Incorporara-se ao panorama. Atraía a curiosidade dos turistas, com suas câmeras fotográficas cheias de bossas. Às vezes rendiam algum trocado, nas vezes que pediam para fotografá-lo. Ou davam boabeira.

Afinal, tinha uma reputação a zelar junto aos outros moleques! Sem falar que adorava toda aquela exótica – e única – atenção. Os gringos, entre exclamações de horror, analisavam aquele monumento vivo da marginalidade brasileira, clicando-o em todos os ângulos. Alguns ganharam até prêmio com fotos sobre a miséria brasileira que, através de Cegueta, conheciam a

cores. O moleque expunha-se aos flashes com ares de artista; assim esperavam que agisse.

Depois, esticava os braços, o sorriso manco pedindo um cigarro, moedas, ou o que viesse.

Nas noites enluaradas, à beira-mar de Copacabana, fingia ganhar corpo, pequeno homenzinho enfrentando a escuridão. Quando a lua, porém, se escondia e não refletia no mar, Cegueta não contava aos outros – não ia dar bandeira –, mas algo nele mudava.

Mostrava-se agitado, ansioso por um par que embalsasse aquelas negras madrugadas solitárias. Buscava a mão que segurasse a sua, o peito que acalmasse o seu. Ainda que viesse um abraço doente. Ou mesmo perigoso. Recebia o afago, agradecido. Não havia escolha no inexorável encontro marcado com o descaço.

Cada dia habitava um pedaço da princesinha do mar, toda ela sua. No inverno, o vento machucava, e Cegueta precisava se proteger. Seus apelos eram manjados. Às senhoras de mais idade, pedia com olhos úmidos. Às mais jovens, com jeito maroto. A frase não mudava muito.

– Tem um casaquinho velho, tia? Qualquer tamanho serve. Algum sapato sobrando? Não se preocupa com o número, tio, dá-se um jeito.

Aos rapazolas, pedia guimbas de cigarros – ou do baseado da vez – que alguns eram generosos e dividiam seu vício com o que quer que Cegueta já fosse. Às babás, implorava um pedaço do biscoito do bebê.

– Tem tanto af no carrinho...

Entretanto, mal o punha na boca, jogava longe, sem mesmo saber por quê. A cada um dirigia-se com a linguagem certa, que pessoas são diferentes umas das outras, e Cegueta já sabia quão diferente ele próprio era de todas elas juntas.

No verão, as roupas levavam sumiço. Até o inverno seguinte, pensava ele, havia uma eternidade. Cegueta, sob quarenta graus, o corpo seminu, corria por Copacabana atrás dos trocados seus de cada dia.

– É para tomar leite, menino! – aconselhavam as mulheres.

Mal esticavam a mão com a nota ou moeda e sabiam, antes de a verem sumir na palma suja, que jamais seriam atendidas. A garganta de Cegueta vivia seca demais para contentar-se com singelo líquido.

Certo domingo, um porteiro deu pela falta do pivete. Um pipoqueiro lembrou que fazia algum tempo não cruzava com o malandro. Um policial afirmou que já iam cinco dias sem vélo. E decidiram que cinco dias sem dar as caras era mau sinal. Ou muito bom, quem saberia? Mas para um Cegueta daqueles, louco por Copacabana, sumir assim, af tinha coisa.

Mais um dia se passou sem notícia, depois mais outro surgiu e se foi em silêncio, e o seguinte seguiu-se, igual. Líquido e certo. Cegueta sumira de Copacabana.

Então, um moleque veio dos lados do Lido e comentou o atropelamento na madrugada chuvosa. O sacana do motorista fugira, deixando Cegueta espalhado no chão, molambo na sarjeta. Só que o infeliz tinha sete vidas, conseguira arrastar-se até a calçada, ali se deixando ficar. Após mais tempo do que o aconselhável foi recolhido por taxistas, em dúvida se ainda vivo e, se vivo estivesse, se assim chegaria ao hospital. Decidiram que talvez, que coisa ruim não morria fácil Houve até bolsa de apostas. Nada de valor, mas sempre um dinheirinho.

Os moleques da área, ao ouvirem o relato, torceram pela volta do líder. Assaltou-os a lembrança do reformatório, das surras dos inspetores. Menos Pereba, que alimentava o sonho de chefia, naquele momento aparentemente vago.

– Cegueta sempre apanhou mais – decidiu Peteleco. Sem falar das torturas, das sacanagens, da cafua. Não tinha pra ninguém!

– Pô! Ele tava em todas as merdas – elogiou Camelo.

Daquela época, concordaram todos, vinha o apelido.

– A coça mal dada, o descontrolo do safado do inspetor – lembrou Pirralho.

Decidiram não faturar alguns dias. Bem, na verdade, ficar parado, parado, não dava. Só coisa pouca: um agrado nos sinais, um sorvete em porta da lanchonete. Nada de besteiras, para estarem todos por perto quando Cegueta voltasse.

– Se é que volta – ironizou Pereba. – Pra mim, já era!

E argumentou que, para ser atropelado feito velho gagá, é que não era de nada. E alguns começaram a duvidar. Como dizia a velha rica e doída que, várias noites, apaixonada pela lua sobre o mar, fugia de casa e dormia abraçada a

Cegueta. Riram ao lembrar que a fulana ficava repetindo, como era mesmo? E foi Sócrates, o caga letra, que explicou bem devagar:

– A coroa alucinada falava para o Cegueta, em suas “viagem” muito louca, que ele era apenas um moleque feio e triste, que disfarçava sua dor sob o sol, mas que a soltava em cortantes gargalhadas, risos, uivos que a noite escura acolhia e fazia chegar aos ouvidos da distante lua. Foi assim mesmo que a velha falou, sentenciou.

Os pivetes ficaram de queixo caído, impressionados e sem entender patavina. Sócrates gozou o momento de glória e continuou:

– Ela explicava que a zona que ele armava, segundo a maluquete, é claro, eram apelos desperados de amor, mistérios e mentiras de um pobre menino de rua.

– Cheia de frescura a velha – definiu Chaveco. – Tu, também, Sócrates. – E gargalharam, patéticos.

Copacabana seguia sem um de seus pivetes, já substituído por muitos outros. Quanto à infeliz, a família trancafiou de vez. Nunca mais apareceu para filosofar. Sócrates desapareceu em seguida.

Cegueta, entretanto, voltou. Af Pereba é que sumiu. Cegueta voltou mais marcado, mais feio, mais infeliz e mais doído. Conhecendo, em todos os aspectos, seu destino. Já sabia que logo abandonaria Copacabana, os moleques da área, os que deles restassem. Chefaria, vaidoso, um grupo maior, mais importante, muito cruel. Sentia-se graduado nos vícios, especializado nos crimes. Em suas entranhas, já há algum tempo vibrava a ânsia de matar, seu grande tormento de marginal. Era com temor e ansiedade que aguardava tal dia. E depois, resignava-se, mesmo que quisesse, não saberia como evitá-lo. Não conhecia outro enredo. Não lhe restava, pois, outro climax. Para gente como ele não havia como escapar, nem conta de chegar.

Cegueta já sabia, em toda a sua extensão, que um dia, certamente longe da Copacabana vadia que o acolhera e ninara menino na rua, ganharia as capas dos jornais. Seria, em breve, um frio número, parte entranhada de triste estatística carioca. E teria, enfim, cumprido o seu destino. O inevitável destino desses milhares de pobres, infelizes e amaldiçoados meninos de rua loucos por Copacabana.

No vaso da sala posso sentir o perfume rosas em botão. Alana Letícia Povoroznek	Abro a janela o dia cheio de sol já quero brincar. Andressa Onyszko	No sol da manhã os filhotes de pardal esperam comida. Igor Roberto Bueno da Rocha	Sol de primavera flores por todos os lados perfume também. João Francisco dos Santos	No céu bem azul voam de lá para cá as andorinhas. Leandra Meira dos Santos	Roda de amigos na noitinha de primavera conversa animada. Mª L. J. Moreira de Oliveira	Após a chuva as folhinhas cheias de água brilham ao sol. Nathalie Cristina Keller
Sol de primavera entre o verde do jardim primeiras flores. Aline Soczek Glinski	Dia de sol o canto dos passarinhos viva a natureza. Bruno Henrique Gardim Chasko	Noite de verão cai a chuva no telhado sono logo vem. Jaine Kokoginski Kuller	Na tarde de sol filhotes de passarinho já querem voar. Ketlyn F. Macedo Ribeiro	Calor da tarde a sombra para o caminhante no ipê da estrada. Luiza Nelma Fillus	Na torre da igreja vai e vem do joão-de-barro casa em construção. Matilde Domingues	Árvore sem folhas um ninho em construção na ponta do galho. Sílvia Svereda

Grêmio de Haicai Chão dos Pinheirais, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel

Eleva-te no azul! Corta-o serena e forte... Rasga o seio à amplidão! Embriaga-te no arrojo do voo triunfal! Deixa que estruja o norte,

que o mar rebente em fúria e encarcere no bojo as potências revéis e as ciladas da morte! Atira-te no espaço!

E, se um dia, singrando os céus, vieres de rojo, rotas as asas de aço, banhada em sangue, o olhar em febre, a alma descrente, não te abata o cansaço!

De oceano atro e fatal não te sorva a torrente... Grita, forceja, anseia e combate e disputa... morre a lutar, morre na luta,

(mas, antes de morrer, tenta ainda voar!)